



“Se eu fizer errado, vai ter problema?”: relato de experiência em uma oficina de literatura de cordel

LEONARDO SANTOS DE JESUS
MICHELE MARCELO SILVA BORTOLAI

“If i do it wrong, will there be a problem?”:
experience report of a literature of cordel
workshop

“Se eu fizer errado, vai ter problema?”: relato de experiência em uma oficina de literatura de cordel

“If i do it wrong, will there be a problem?”: experience report of a literature of cordel workshop

PALAVRAS-CHAVE
EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA.
REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS.
INICIAÇÃO CIENTÍFICA.

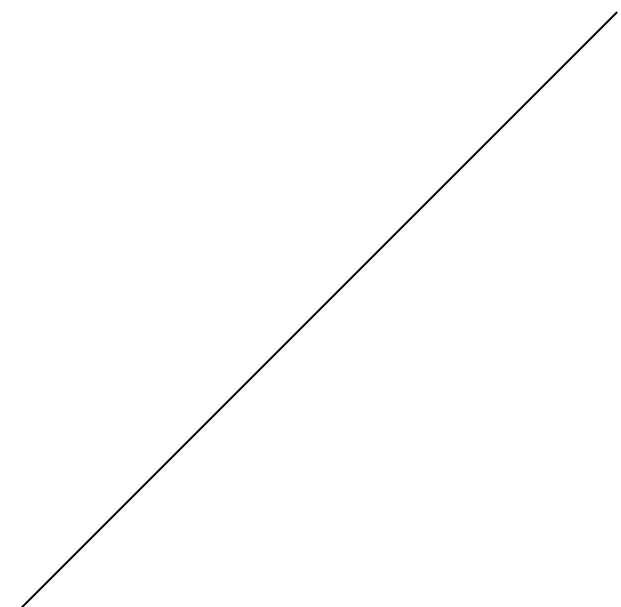
RESUMO Este relato de experiência apresenta a oficina “Cordel com Ciência: rimando vivências e saberes”, realizada na UFRB durante um evento extensionista, com a participação de quatro estudantes de Enfermagem e Psicologia. A atividade, vinculada a um projeto de Iniciação Científica, teve como objetivo integrar saberes científicos e populares por meio da literatura de cordel, promovendo uma formação mais crítica, sensível e criativa. A oficina foi estruturada em cinco etapas (acolhimento, diálogo inicial, contextualização teórica, produção dos cordéis e reflexão coletiva), utilizando como principal instrumento de coleta o diário de bordo do pesquisador, com análise baseada na Teoria das Representações Sociais e na abordagem sócio-interacionista. Os resultados revelaram a insegurança das participantes diante do desafio criativo. No entanto, o ambiente acolhedor deu lugar à expressão subjetiva, à colaboração e à resignificação da ciência no cotidiano. Concluímos que o uso do cordel como recurso pedagógico potencializa a escuta, a criação e o pertencimento, promovendo aprendizagens mais significativas. A experiência reforça o papel da Iniciação Científica na formação de profissionais críticos e engajados com práticas educativas humanizadas.

KEYWORDS
UNIVERSITY
EXTENSION.
SOCIAL
REPRESENTATIONS.
UNDERGRADUATE
RESEARCH.

ABSTRACT This experience report presents the workshop “Cordel with Science: Rhyming Experiences and Knowledge,” held at UFRB during an outreach event, with the participation of four Nursing and Psychology students. The activity, part of a Scientific Initiation project, aimed to integrate scientific and popular knowledge through cordel literature, fostering a more critical, sensitive, and creative educational experience. The workshop was structured in five stages (welcoming, initial dialogue, theoretical contextualization, cordel production, and collective reflection), using the researcher’s field journal as the main data collection tool. The analysis was based on Social Representations Theory and the socio-interactionist approach. The results revealed participants’ initial insecurity in facing the creative challenge. However, the welcoming environment gradually gave way to subjective expression, collaboration, and a redefinition of science in everyday life. We conclude that the use of cordel as a pedagogical tool enhances listening, creativity, and a sense of belonging, fostering more meaningful learning experiences. The experience reinforces the role of Scientific Initiation in the training of critical professionals engaged with humanized educational practices.

LEONARDO SANTOS DE JESUS
Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia, Graduando em Psicologia.
E-mail: jesusleonardosantosde012@gmail.com

MICHELE MARCELO SILVA BORTOLAI
Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia, Doutora em Ciências.
E-mail: michelemb@ufrb.edu.br



INTRODUÇÃO Este relato, elaborado por um estudante de Psicologia bolsista PIBIC-Af/CNPq, tem como objetivo destacar a relevância da literatura de cordel como uma abordagem integradora da extensão na pesquisa acadêmica, ao articular saberes culturais e cotidianos de profissionais da saúde em formação. Nesse contexto, busca-se promover processos reflexivos que valorizem tanto os conhecimentos científicos quanto os saberes populares, desafiando os modelos tradicionais de ensino.

Para muitos estudantes, a iniciação científica (IC) representa a primeira vivência prática em pesquisa. Trata-se de uma etapa importante na formação acadêmica, pois promove o desenvolvimento da criatividade, da reflexão crítica e da capacidade de enfrentar desafios, ao mesmo tempo em que reforça competências como trabalho em grupo, comunicação e compreensão do processo investigativo (Beraldo; Neto, 2017). Quando aliada a ações afirmativas, a IC pode ir além da formação técnica, configurando-se como uma experiência de fortalecimento subjetivo, político e intelectual.

De forma a corroborar a compreensão de Beraldo e Neto (2017), realizamos uma oficina durante o evento extensionista “Reencôncavo Saúde e Semana Acadêmica 2025.1”, promovido entre os dias 10 e 12 de março de 2025, no Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). As ações extensionistas têm papel relevante na formação profissional, pois promovem a interação com

diferentes territórios, culturas e saberes, fortalecendo o compromisso social e ampliação da atuação cidadã e ética dos indivíduos em formação.

A extensão universitária, compreendida como um processo educativo, cultural e científico articulado ao ensino e à pesquisa, contribui diretamente para a formação crítica e transformadora dos futuros profissionais (FORPROEX, 2012). Nesse sentido, a realização da oficina “Cordel com Ciência: rimando vivências e saberes” reafirma o poder transformador da articulação entre ensino, pesquisa e extensão na universidade pública, sobretudo quando sustentada por políticas de inclusão e valorização da diversidade.

O cordel, expressão da cultura popular nordestina, promove uma conexão mais sensível e próxima da realidade das pessoas (Oliveira, 2014). Por meio de sua tradição oral e linguagem acessível, representa um elo entre os saberes acadêmicos e os conhecimentos culturais, tornando a experiência da oficina mais acolhedora e significativa para os participantes. Ao realizarmos a oficina utilizando o cordel como recurso pedagógico e cultural, buscamos romper com o modelo tradicional de ensino, frequentemente marcado por rigidez e verticalidade. Em seu lugar, propusemos uma abordagem mais aberta e horizontal, que valorizou a escuta ativa, dialogando com diferentes formas de saber e promovendo um ambiente formativo mais democrático, criativo e conectado com a realidade (Carmo; Gouveia, 2020).

Para embasar teoricamente a proposta da oficina, realizamos um estudo prévio sobre a literatura de cordel, especialmente em seus aspectos históricos, políticos e sociais (Oliveira, 2014). A fundamentação se deu com base na Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Moscovici (2003) e aprofundada por Jodelet (2001), que permitiu compreender como os saberes são construídos socialmente. Também foram considerados os aportes de Vygotsky (1991), cujos conceitos sobre desenvolvimento social e cultural ajudaram a orientar a construção de uma experiência formativa que reconhece a importância das interações e do contexto sociocultural no processo de ensino e aprendizagem que valoriza o conhecimento científico, as experiências e vivências culturais como parte fundamental do processo educativo.

METODOLOGIA A oficina “Cordel com Ciência: rimando vivências e saberes” integrou um projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRB, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, sob parecer CAAE: 30741120.6.0000.0056. Sua realização ocorreu em 10 de março de 2025. Ao todo, participaram quatro estudantes dos cursos de Enfermagem e Psicologia, com idades entre 25 e 34 anos, residentes nos municípios de Santo Antônio de Jesus e Feira de Santana. A diversidade de origens e trajetórias contribuiu para enriquecer a atividade, ao reunir diferentes experiências formativas e culturais.

A oficina foi estruturada em cinco etapas, sendo: (1) recepção das participantes, promovendo um primeiro contato com o grupo e com a literatura de cordel, de forma a facilitar a ambientação. Nessa fase, também foi realizada a entrega e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo confidencialidade, voluntariedade e anonimato, assegurado pela utilização de nomes fictícios. (2) diálogo inicial, com o objetivo de reconhecer os saberes e experiências prévias

das participantes em relação à literatura de cordel; (3) contextualização teórica sobre os aspectos culturais, políticos, históricos e pedagógicos do cordel, ampliando a compreensão sobre sua relevância social e educacional; (4) produção dos cordéis, guiada pela pergunta norteadora: “De que maneira, ao longo de suas atividades cotidianas, vocês reconhecem a presença da química, e como ela se revela nas mais diversas práticas e interações diárias que experimentam?”; (5) apresentação das produções e realização de uma reflexão coletiva, possibilitando o compartilhamento de vivências e valorização dos saberes construídos ao longo da oficina.

Para a etapa de produção, foram disponibilizados materiais de apoio, como exemplos de cordéis relacionados à área da saúde, papéis, canetas e recursos visuais que auxiliavam na compreensão dos elementos estruturais do cordel, como métrica e rima. Por meio do diálogo com o mediador da oficina, as participantes foram incentivadas a criar seus cordéis em um ambiente acolhedor, marcado pela escuta, pela troca de experiências e pela ausência de julgamentos, valorizando as vivências individuais como parte essencial do processo criativo.

As observações do pesquisador foram registradas em um diário de bordo ao longo da realização da oficina, com o objetivo de subsidiar análises posteriores. Os registros concentraram-se especialmente nas impressões sobre os sentimentos expressos e nas interações interpessoais observadas durante a atividade. Para a análise dos dados, adotou-se uma leitura sensível das anotações, em diálogo com a bibliografia que fundamenta o projeto de pesquisa. Essa abordagem possibilitou uma compreensão mais significativa e aprofundada das experiências vividas e dos sentidos produzidos ao longo do encontro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES A oficina de cordel revelou-se um espaço importante de compartilhamento de experiências vividas, ao promover uma mudança nas práticas educativas tradicionais para uma abordagem mais sensível, inclusiva e criativa. Desde o início, observamos entre as participantes um desconforto marcado pela insegurança em relação ao processo criativo. A linguagem rimada do cordel, pouco familiar e associada a experiências escolares negativas, gerou bloqueios que revelaram o impacto das práticas pedagógicas baseadas na punição e na avaliação normativa.

Esse estranhamento inicial, evidenciado em expressões como “Não sei o que escrever”, “Gente, eu nem sei rimar, e ainda é para falar de química?” e “Se eu fizer errado, vai ter problema?”, ilustra o enraizamento de representações sociais construídas em contextos escolares rígidos, baseados em “métodos punitivos e disciplinares que afetam a subjetividade dos indivíduos” (Nascimento, 2022, p. 2), revelando o medo da exposição criativa e a sensação de ainda estarem sendo avaliadas. Identificamos, com isso, que a dificuldade em se desprender de um modelo avaliativo tradicional pautado na busca pelo “acerto” gerou um conflito entre a proposta da oficina, que estimulava a expressão livre acerca da química no cotidiano, e os modos de subjetivação cristalizados ao longo da trajetória escolar.

Essas acepções, muitas vezes, moldam o que faz sentido, o que tem valor e como isso tudo se manifesta no cotidiano da aprendizagem. Como nos lembra Jodelet (2001), as representações se constituem nas interações sociais e refletem as ideologias dominantes que atravessam os

sujeitos, moldando a forma como compreendem o que é saber, errar ou acertar. Isto porque o representado se constrói justamente na interdependência entre o pensar e as condições sociais em que esse pensamento se exerce. No contexto escolar, essas representações ganham força e se materializam em cobranças, punições e em uma forte vigilância sobre o comportamento dos alunos. Essa lógica reforça o medo de errar e produz uma rigidez que muitas vezes paralisa a criatividade. Contudo, a produção dos cordéis tornou visível o processo de ressignificação dessa experiência. Quando houve a explicação da proposta, que sugeria a criação de cordéis sobre a química do dia a dia, uma participante comentou: “Quando vocês trouxeram essa pergunta difícil, eu pensei que era para falar sobre a química que tinha na escola. Eu comecei a pensar nas fórmulas e não conseguia relacionar nada disso no meu dia a dia”.

O cordel de Luciana (Figura 1) apresenta flores em desabrochar, um caule robusto e o sol ao fundo. Os elementos visuais podem ser interpretados como metáforas do processo vivido: dúvidas iniciais, construção da confiança e liberdade criativa. Na parte verbal, expressa insegurança em reconhecer a química no cotidiano, mas menciona indícios como água, pasta, papel, café, jardim, céu, ar, letras e o termo elementos (estes últimos sugerindo referência à Tabela Periódica). Como observa Oliveira (2014), os signos, ao serem socialmente construídos, só ganham sentido na leitura e na decodificação simbólica do sujeito. Nesse caso, a criação do cordel se mostrou como instrumento de expressão e amadurecimento subjetivo.

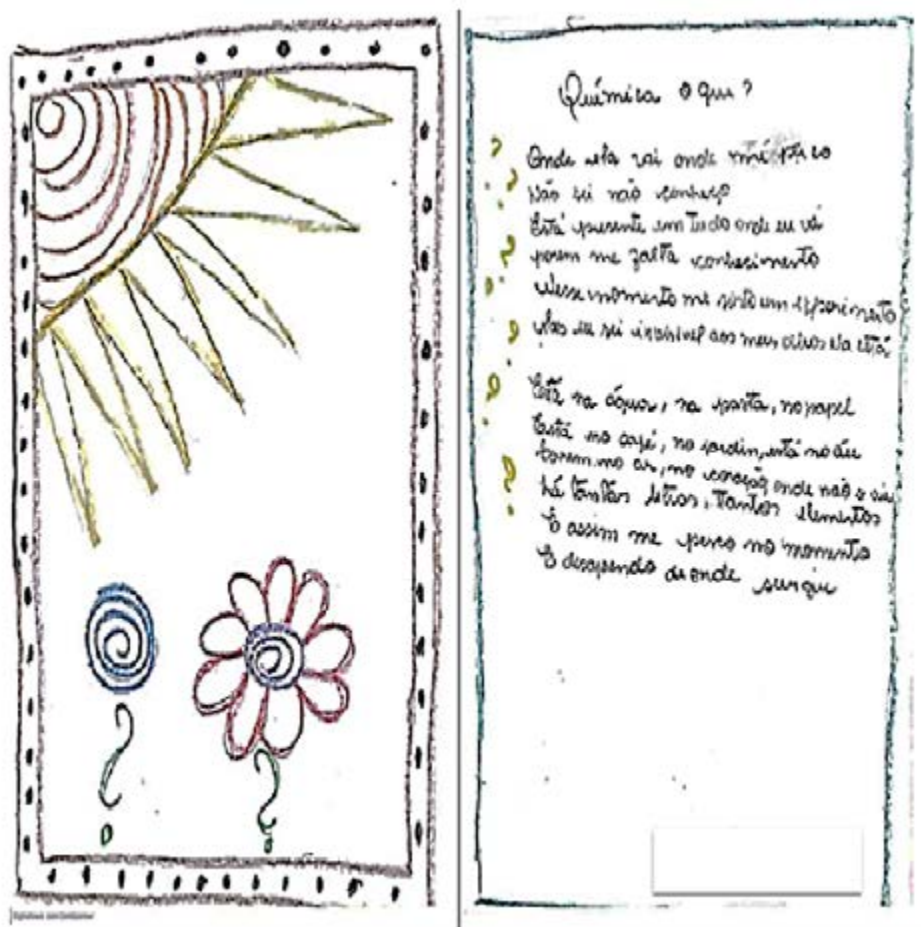


FIGURA 1 – CORDEL DE LUCIANA/FONTE: DADOS DA PESQUISA (2025)

De maneira semelhante, o cordel de Jamile (Figura 2) apresenta elementos visuais que remetem a um coração e a imagens do cotidiano, trazendo afetivamente sua tentativa de aproximar os saberes acadêmicos às experiências pessoais. A participante expressou que sua criação refletia “a química das relações” em expressões como: “química dos abraços” ou “química do sentir”, o que denota uma ampliação do conceito científico para além do conteúdo escolar. Essa ressignificação está em consonância com a proposta da oficina de reconhecer a ciência como parte das práticas sociais e culturais. Vygotsky (1988) reforça que o conhecimento se constrói na interação social, em que os sujeitos, ao compartilharem experiências, superam limitações e desenvolvem novos comportamentos, expandindo suas fronteiras de aprendizado.

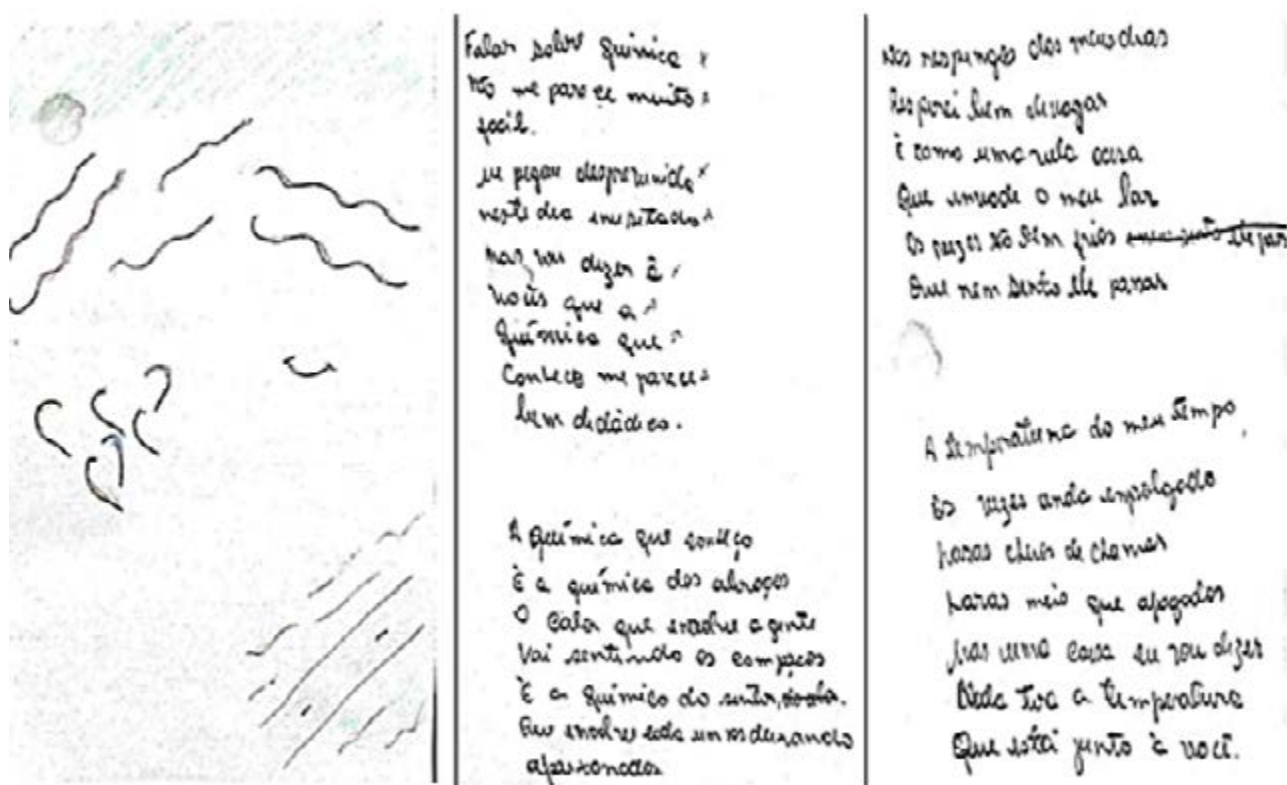


FIGURA 2 – CORDEL DE JAMILE/FONTE: DADOS DA PESQUISA (2025)

A insegurança diante da criação foi superada, em grande medida, pelo apoio mútuo e pelas trocas entre as participantes. Frases como “Vou roubar tua ideia, viu?” e “Podemos falar sobre o que vivemos, né?” marcaram o momento em que o grupo começou a se reconhecer como coletivo produtor de conhecimento. Essa dimensão intersubjetiva foi essencial para a transformação da oficina em um espaço formativo transformador. Como discute Nascimento (2022), as relações escolares que privilegiam a obediência e o controle normativo geram subjetividades marcadas pelo medo do julgamento. Ao subverter essa lógica, a oficina permitiu que as participantes se posicionassem de forma ativa, fortalecendo sua autonomia criativa.

O cordel de Ana (Figura 3) associa elementos da natureza e a

culinária à química como forma de aproximação familiar, evocando lembranças afetivas e saberes cotidianos. Em sua fala, menciona alimentos e quem os preparava como expressão da “química da alegria [...] em nossos lares”, valorizando memórias como parte de uma ciência vivida. Essa abordagem dialoga com a teoria das representações sociais (Moscovici, 2003), ao revelar o entrelaçamento entre saberes populares e acadêmicos na construção do conhecimento.

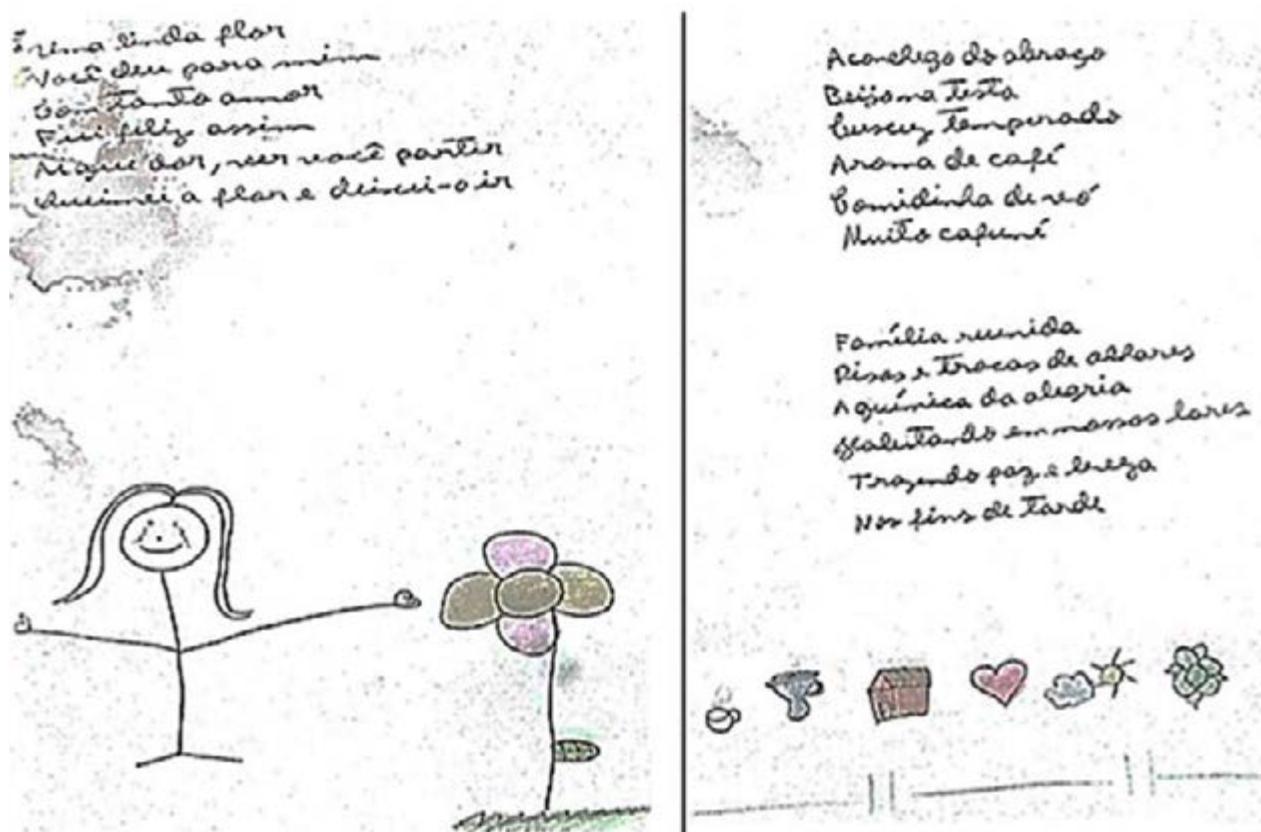


FIGURA 3— CORDEL DE ANA/
 FONTE: DADOS DA PESQUISA
 (2025)

Já o cordel de Lidiane (Figura 4) trouxe a representação visual de cactos no sertão, com espinhos e sol intenso, simbolizando a dureza das vivências escolares. A participante, em sua representação verbal, fez menção à “o amor é uma química e a mistura de sentimentos”. Inferimos que a metáfora pode expressar o sofrimento, mas também a resistência diante das normas escolares internalizadas.

A obra de Lidiane evidencia esse embate e, ao mesmo tempo, a possibilidade de reinventar-se em um ambiente que acolhe a expressão individual. Esse conflito reflete a tensão entre razão e emoção, dúvida e descoberta, que Goffman (1985) descreve entre o eu humano, espontâneo e vulnerável, e o eu socializado, o que impacta diretamente na construção da subjetividade, limitando a autonomia e a expressão dos sujeitos em ambientes educativos. Percebemos que a linguagem expressa nos cordéis deixou de ser apenas um código fechado para se transformarem num encontro, onde signos e afetos se entrelaçaram, contrapondo as expectativas sobre o processo de aprendizagem. Esses exemplos ilustram como a linguagem do cordel, ao transitar entre o simbólico, o afetivo e

o cognitivo, tornou-se ferramenta pedagógica potente para promover a articulação entre ciência e cultura.

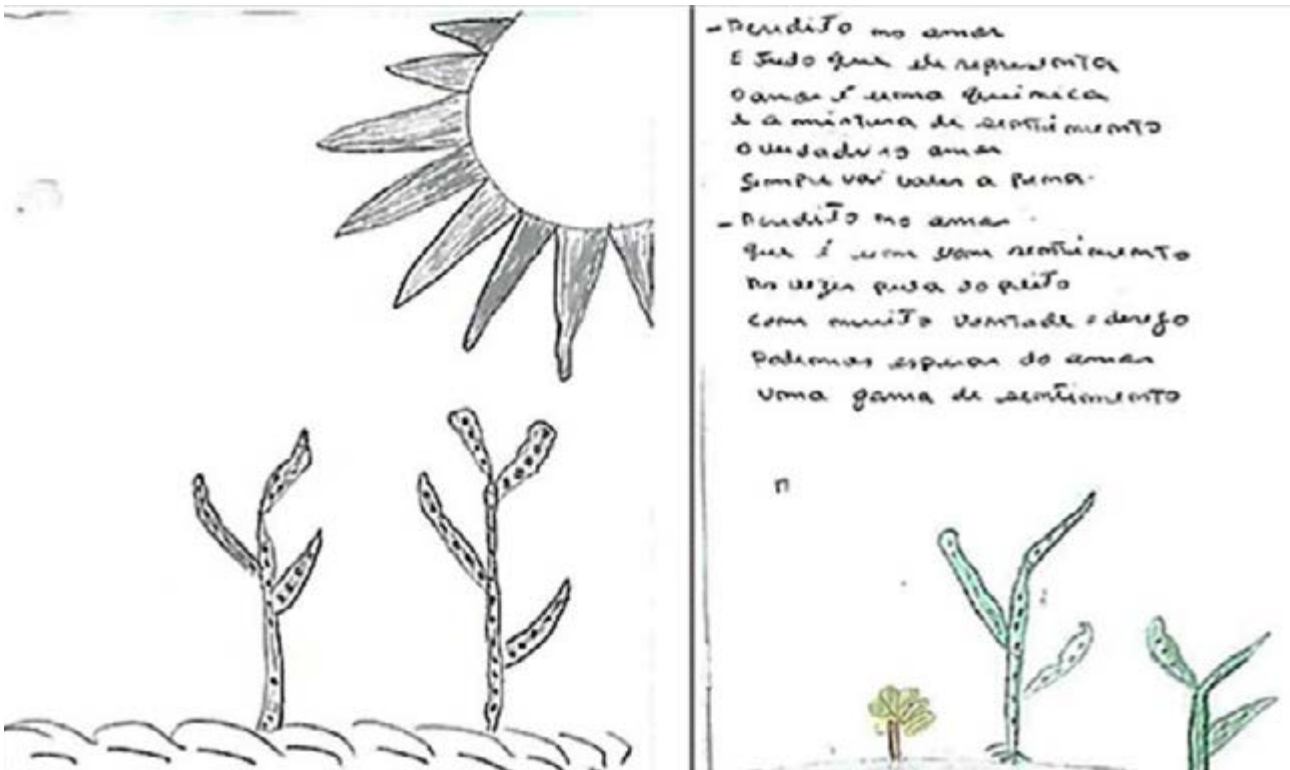


FIGURA 4- CORDEL DE LIDIANE/FONTE: DADOS DA PESQUISA (2025)

Ao permitir que os sujeitos atribuíssem sentidos próprios à experiência, a oficina não apenas desestabilizou as formas hegemônicas de ensinar e aprender, como também fortaleceu o pertencimento e a produção coletiva de saberes. Como lembra Jodelet (2001, p. 15), “o partilhar serve à afirmação simbólica de uma unidade e de um pertencimento”, e foi justamente na partilha que os cordéis se transformaram em expressão viva de subjetividades que resistem, se reinventam e criam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A oficina evidenciou que o processo de aprendizagem vai além do cumprimento de regras, pois envolve aprender, sentir, estranhar, hesitar e construir conhecimento a partir das experiências significativas. Com sua linguagem acessível, o cordel proporcionou um ambiente formativo no qual as participantes se permitiram romper silêncios, ausências e a rigidez de um modelo educacional centrado na repetição e na conformidade.

Os signos presentes nas produções representaram dúvidas, inquietações e transformações vivenciadas durante a experiência, materializando afetos e sentidos, evidenciando que a aprendizagem se constrói na escuta sensível, na partilha de vivências e no reconhecimento das trajetórias de cada indivíduo. Nesse contexto, destaca-se a relevância da Iniciação Científica como espaço formativo do futuro profissional, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades como a persistência,

a escuta ativa e a responsabilidade, mobilizadas ao longo das etapas da oficina. A experiência reforça, assim, a importância de ambientes educativos que promovam a investigação comprometida com o diálogo, que valorizem narrativas plurais e acolham subjetividades. Torna-se imprescindível fomentar práticas acadêmicas e pedagógicas que respeitem os ritmos individuais e façam da ciência um território de escuta, compreensão e reinvenção.

REFERÊNCIAS

BERALDO, G. S; NETO, J. L. F. Iniciação científica na formação em psicologia: uma revisão de literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 1034-1050, dez. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000300015. Acesso em: 1 de jul. 2025.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Brasília: Forproex, 2012. Disponível em: <https://www.forproex.ufscar.br/documentos/politica-nacional-de-extensao>. Acesso em: 15 jul. 2025.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1995.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 17- 44.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, A. C. P. A construção de subjetividades no ambiente escolar: relações de poder e contribuições da psicologia. **Revista Humanidades e Inovação** - ISSN 2358-8322 - Palmas - TO - v.9, n.08. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1913>. Acesso em 25 de jul. 2025.

OLIVEIRA, C. I. C. **Imagens na educação em ciências**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. 240 p.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.